

Em Brasília, durante a solenidade de posse presidida pelo ministro interino Henrique Paim, no dia 19 de novembro de 2012, o professor Angelo Roberto Antonioli foi empossado no cargo de reitor e pronunciou o seguinte discurso:

Consolidando a expansão da UFS

Qual foi a mudança mais significativa que a UFS trouxe para Sergipe nesses 44 anos de existência? Não obstante o risco de responder a uma questão tão complexa, num espaço tão exíguo, tentaremos uma resposta que não tem a intenção de ser pretensiosa, muito menos definitiva. O que desejamos aqui é pontuar um aspecto que talvez seja pouco divulgado ou que seja desconhecido pela imensa quantidade de jovens professores recém-chegados à nossa instituição.

Se pudéssemos resumir a história da UFS em decênios, seria mais ou menos assim: a segunda metade da década de 1960, anos iniciais da sua fundação, estiveram voltados para a implantação de uma universidade crítica e democrática, num ambiente politicamente hostil aos valores democráticos; nos anos subsequentes, os anos 1970, ainda sob o domínio da repressão, o sonho de uma universidade crítica se desfaz, uma vez que ela tomava o rumo das reformas e da massificação pela via autoritária; os anos 1980 são marcados pelo sopro da anistia, da possibilidade da democracia, inclusive dentro da própria universidade, em meio à crise econômica e à cruel violência; já os anos 1990 caracterizam-se por uma aporia bastante significativa: de um lado, o discurso da universidade está centrado nos interesses de categorias de classe (a dos professores, a dos técnicos e a dos alunos) e, de outro, pensado não a partir daquilo que ela oferece de bom à sociedade, mas no que traz de peso, de custo, de inoperância e, por isso, distante da própria sociedade que a financia.

No entanto, nos últimos anos da década de 2000 vê-se na sociedade sergipana um desejo de que a UFS cresça, como uma onda que por onde passa aumenta de volume levando luminosidade, esclarecimento, desenvolvimento. Esta fase é tão forte e vívida que a UFS se expandiu assustadoramente nos últimos anos graças a um projeto comum, aglutinando governo federal, estadual, políticos de diferentes tendências e partidos, associações de bairros, classes de toda a natureza e prefeitos ávidos por terem a UFS na sua cidade como uma forma de garantir o seu crescimento. Por esta razão, este ano, a instituição contabiliza imensos avanços e feitos que podem ser medidos numérica e qualitativamente. O traço marcante da primeira década de 2000 foi o seu mote “expandir para incluir”, em decorrência do qual surge um desafio ainda maior no segundo decênio dos anos 2000: “consolidar a inclusão”.

Otávio Paz, no livro *Tempo nublado* (dos anos 1980), afirma que a modernização sem democracia tecnifica as sociedades, mas não as transforma. Ao ler este texto, é impossível não lembrar das agências bancárias, por exemplo, que instalam uma imensa quantidade de terminais eletrônicos para a realização de várias operações, seja nas próprias agências seja fora delas, mas com um sistema tão complexo de manuseio que dificulta o acesso a uma enorme quantidade de gente que mal sabe ler e escrever, tornando essas máquinas por vezes inoperantes, para esse público. É assim que se tem um país “moderno” com o povo despreparado para viver essa modernidade. Ora, tudo isso para afirmar que, quanto maior for

o nível de modernidade de uma sociedade, maior deve ser o seu impulso democrático em todas as esferas, e não apenas na esfera tecnológica. O manuseio com a máquina exige gente preparada para que possa manipulá-la, pois do contrário toda a tentativa se torna inócua.

A partir dessa visão o governo federal criou em 2007 o Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais tendo como principal objetivo ampliar o acesso e a permanência na educação superior. As ações do REUNI contemplaram o aumento de vagas nos cursos de graduação, a ampliação da oferta de cursos noturnos, a promoção de inovações pedagógicas e o combate à evasão, entre outras metas que têm o propósito de diminuir as desigualdades sociais no país

Acreditando no potencial da Universidade Federal de Sergipe e nas condições oferecidas pelo MEC a administração que ora encerra o seu mandato promoveu um esforço coletivo na certeza de atender de forma satisfatória aos anseios da nossa sociedade.

A expansão e interiorização da UFS, significou um enorme avanço para a nossa instituição tornando-a motivo de orgulho para o nosso estado e levando-a a alcançar um patamar superior no contexto das universidades públicas brasileiras. O salto, sem sombra de dúvida, é a razão de ser do saltador, e por isso a Reitoria, com projetos inovadores e ousados, não se intimidou diante das críticas de muitos e das dores e dificuldades inerentes a qualquer processo de crescimento. Entendemos e acreditamos que a expansão é necessária para o desenvolvimento do país e para a inclusão de milhares de jovens de origem mais pobre. Entendemos também que esse processo não é prejudicial ao ensino quando acompanhado dos devidos investimentos o que pode ser constatado numa visita rápida aos nossos campi ou numa olhada mais detida aos nossos indicadores. Hoje, certamente, poucas pessoas são contra essas mudanças, mas foi necessário muita luta para implementá-las.

Aqui reside o maior desafio da gestão que iniciamos agora: consolidar o que está implantado. Para levar a bom termo este projeto, reitor nenhum dará conta sozinho e por isso o plano desta gestão é fruto de um projeto coletivo, formado a partir de muito diálogo com professores, técnicos, estudantes e a sociedade civil. Para tanto precisamos de todo o apoio do Ministério da Educação que tem um projeto claro para as instituições públicas de ensino superior para que possamos, juntos, consolidar o que já foi iniciado e pensar os novos desafios que esta expansão ainda vai nos colocar.

Graças à gestão que finda, a UFS percebeu que tinha uma vasta demanda reprimida fora de seus muros, ávida por conhecimento, necessitando apenas de maiores oportunidades para se engajar no mundo do conhecimento. Se a administração que sai tem todos os motivos para se contentar com o êxito dos altos índices por ela alcançados nos últimos anos, a gestão que começa tem o imenso desafio pela frente, que é consolidar o que foi feito sem abrir mão da qualidade de seus serviços, do rigor acadêmico de seus professores, do trabalho sério de seus técnicos, das demandas da sociedade civil organizada. Afinal, a Universidade é dinâmica e por isso provoca novas necessidades e urgências, e a sociedade, que é a patrocinadora da Universidade pública brasileira, quer e exige que ela esteja vinculada ao seu desenvolvimento, vencendo seus desafios.

Como afirmou o Prof. José Aloísio de Campos em palavras grafadas no hall da nossa Reitoria" Esta Universidade, sendo patrimônio do povo e como centro autônomo de elaboração do saber, não pode deixar de estar a serviço dos interesses da comunidade, participando da construção de uma sociedade livre, mais justa e mais humana". Sergipe vai acompanhar o desenvolvimento do Brasil e a UFS, SEMPRE FORTE será a sua principal parceira. Que o medo de errar não esterilize a nossa vontade de acertar!